

**4º SEMINÁRIO
BRASILEIRO
DE ARQUITETURA
VERNÁCULA POPULAR:
TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE . ESCOLA DE ARQUITETURA E URBANISMO

**ARQUITETURA VERNACULAR RIBEIRINHA NA
AMAZÔNIA : Um mergulho nas águas que rodeiam as
palafitas nas ilhas de Abaetetuba-Pará**

*ARQUITECTURA VERNÁCULA RIBEREÑA EN AMAZONIA : Un buceo en las
aguas que rodean los palafitos en las islas de Abaetetuba-Pará*

*VERNACULAR RIVERSIDE ARCHITECTURE IN THE AMAZONIA : A dip in the
waters surrounding the stilts on the islands of Abaetetuba-Pará*

EIXO TEMÁTICO: Eixo 3 – Arquitetura vernácula popular: memórias, documentação e preservação.

AZEVEDO, Matheus Silva

Acadêmico em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará (FAU/UFPA)

E-mai: riocampompema@gmail.com

SILVA, Luiz de Jesus Dias

Doutor em Antropologia pela UFPA, mestrado em arquitetura pelo PROARQ/UFRJ, docente da FAU/UFPA e do PPGAU/UFPA

E-mail: ljesusds@gmail.com



RESUMO

Este artigo tem o objetivo de refletir quanto aos aspectos históricos, culturais e sociais acerca das moradias mais comuns dentre as populações tradicionais ribeirinhas que habitam as regiões lacustres, em palafitas, no município de Abaetetuba no estado do Pará. Tratando de estudar a arquitetura vernacular, aqui tratada de arquitetura popular, praticada há séculos por essa comunidade, representando outras sociedades que habitam dessa forma, em sintonia com a natureza e os recursos naturais por ela oferecido, respeitando sua capacidade regenerativa, empregam materiais básicos e estruturais nas suas construções. A pesquisa, ora em andamento, emprega estudos documentais, conceitos de arquitetura popular e vernácula (Weimer (2012; COELHO, 2021), Tofofilia (TUAN, 2012), Ribeirinidade de Rente Neto e Furtado (2015), bem como palafitas através de Paixão (2022). Emprega-se ainda a descrição etnográfica através de observações e diálogos abertos com membros da comunidade, da qual o primeiro autor faz parte e por isso também se procurou texto de Magnani (2002), para trabalhar a visão do pesquisador/nativo.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura vernacular; populações tradicionais; palafitas; recursos naturais; estudos documentais.

RESUMEN

Este artículo tiene el objetivo de reflejar en cuanto a los aspectos históricos, culturales y sociales acerca de las viviendas más comunes entre las poblaciones tradicionales ribereñas que habitan las regiones lacustres, en palafitos, en el municipio de Abaetetuba en el estado de Pará. Tratando de estudiar la arquitectura vernácula, aquí tratada de arquitectura popular, practicada desde hace siglos por esa comunidad, representando a otras sociedades que habitan de esa forma, en sintonía con la naturaleza y los recursos naturales por ella ofrecidos, respetando su capacidad regenerativa, empleando materiales básicos y estructurales disponibles, en sus construcciones. La investigación emplea estudios documentales, conceptos de arquitectura popular y vernácula (Weimer (2012; COELHO, 2021), Tofofilia (TUAN, 2012), Ribeirinidade de Rente Neto y Furtado (2015), así como palafitas a través de Paixão (2022). Se emplea aún la descripción etnográfica a través de observaciones y diálogos abiertos con miembros de la comunidad, de la cual el primer autor hace parte y por eso también se buscó texto de Magnani (2002), para trabajar la visión del investigador/nativo.

PALABRAS CLAVE: arquitectura vernácula; poblaciones tradicionales; palafitos; recursos naturales; estudios documentales

ABSTRACT

This article aims to reflect on the historical, cultural and social aspects of the most common dwellings among the traditional riverside populations that inhabit the lacustrine regions, on stilts, in the municipality of Abaetetuba in the state of Pará. Trying to study the vernacular architecture, here treated of popular architecture, practiced for centuries by this community, representing other societies that inhabit in this way, in tune with nature and the natural resources offered by it, respecting its regenerative capacity, employing basic and structural materials available in its constructions. The research employs documentary studies, concepts of popular and vernacular architecture (Weimer (2012; COELHO, 2021), Tofofilia (TUAN, 2012), Ribeirinidade de Rente Neto and Furtado (2015), as well as stilts through Paixão (2022). It is also used the ethnographic description through observations and open dialogues with members of the community, of which the first author is part and therefore also sought text from Magnani (2002), to work the vision of the researcher/ native.



KEYWORDS: vernacular architecture; traditional populations; on stilts; natural resources; documentary studies.

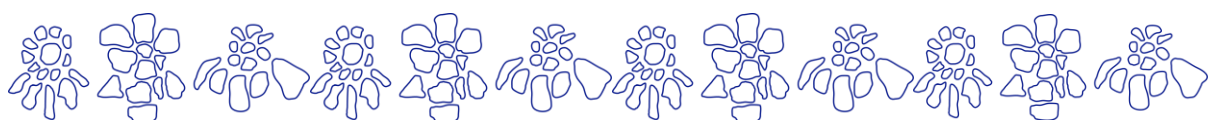
INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa trabalhar a riqueza encontrada na arquitetura vernácula/popular praticada pela comunidade quilombola e ribeirinha do Assentamento São João Batista, no rio Campompema, bacia do Baixo Tocantins; em sua história, cultura e modos de vida social. Vindo a se somar a tantos outros textos quanto possível, para dar visibilidade e importância à tal prática de arquitetura das sociedades que preferem habitar em razoável harmonia com o meio ambiente, usufruindo, mas respeitando os recursos naturais existentes, evitando sua exaustão, empregando-os tanto como materiais basilares como também materiais que garantem sua estabilidade construtiva, que desse modo se tornam sustentáveis.

É possível encontrar aí, ainda hoje, significativos exemplares de uma arquitetura vernácula secular, muito comum nos diversos recantos da Amazônia, com muito vigor, tanto pela contribuição ao modo de morar, à relação com os ciclos das marés, à tradição e cultura local, ressaltando a habitualidade com o modo construtivo passado de geração à geração, com materiais e técnicas disponíveis, e, à subjetiva, à afetividade intrínsecas existentes nesse processo, as quais redundam no que Tuan (2012, p. 19) denomina de “topofilia”.

Desse modo, o objeto de estudo está materializado nas moradias construídas às margens dos rios e igarapés do Assentamento São João Batista, o qual é classificado pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, como sendo um Projeto de Assentamento Extrativista (PAE), cuja população é ribeirinha e quilombola, e que fica localizado a cerca de três quilômetros da cidade de Abaetetuba, sede do município de mesmo nome, no baixo Tocantins, estado do Pará.

À ação metodológica, buscou-se acessar documentos e publicações a respeito de projetos habitacionais recebidos pelo coletivo da população local, a fim de trazer embasamento teórico e apresentar um marco referencial histórico. Este estudo contou com entrevistas abertas e conversas informais com anciãos e outras pessoas com experiência de vida local e/ou na construção das palafitas no Assentamento, o que possibilitou apanhar, através das lembranças dos entrevistados, um arcabouço de técnicas construtivas e histórias desde o período colonial brasileiro, bem como das relações afetivas entre os ribeirinhos e suas moradas.



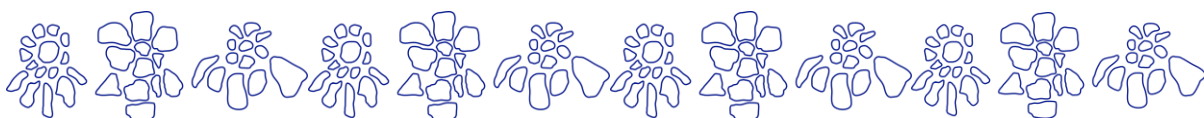
Foi utilizado ainda, as técnicas de observação direta e participante, em uma visão “de perto e de dentro” como versou Magnani (2002 p.2), para etnografar momentos de vivências de moradores do local, no seu dia a dia e na lida com as construções de moradias na beira-rio. Complementou-se a constituição da pesquisa com aplicação de questionários para obtenção de dados qualitativos, a públicos de diversas faixa etárias – moradores da comunidade – a fim de captar as percepções, desde os mais antigos aos mais novos atores sociais, comunitários, sobre as perspectivas, opiniões e relações com suas moradias.

O artigo foi estruturado para, além desta introdução, apresentar mais três itens de conteúdos à discussão e reflexão, mais as considerações finais e referências. No primeiro vem tratar da arquitetura vernacular ribeirinha, nos seus aspectos conceituais; o segundo é sobre a tipologia arquitetônica e materiais utilizados nas primeiras palafitas construídas no assentamento e sua evolução até os tempos contemporâneos atuais, quando estão inserindo novos materiais de construção; no terceiro item há uma contextualização histórica do assentamento pesquisado e a relação imaterial entre moradores da beira-rio e suas moradas

ARQUITETURA VERNACULAR RIBEIRINHA: DEFINIÇÕES E CONTEXTOS TRABALHADOS

Ao mergulhar nas águas do Assentamento PAE São João Batista para observar, descrever e interpretar as tramas que ocorreram e ocorrem em suas ribeiras, faz-se necessário, a priori, considerar os conceitos relevantes a este estudo, os quais estabelecerão a relação intrínseca entre os estudos etnográficos catalogados e abordados durante este artigo, como o de ribeirinho e ribeiridade: para Rente Neto e Lourdes Furtado (2015, p.159), ribeirinho é aquele que vive à beira dos cursos d’água, de rios e igarapés, nas mais diversas realidades, seja no campo, na cidade, vilas ou povoados e destacam ainda que

“O termo ribeirinho, contudo, busca identificar um perfil sociocultural de grupos caboclos que se estabeleceram às margens dos rios, num espaço dinâmico que articula as relações de sociabilidade e culturais dentro das particularidades desse espaço, onde a marca dessa configuração pode ser vista nos comportamentos, na maneira de viver, em sua alimentação, nas crenças, em sua religiosidade etc., específicos daquele espaço. Não se trata de uma tipologia do caboclo amazônico, uma vez que não se destaca como uma variante deste, mas sim de



uma expressão cultural que envolve particularidades imanentes a essa definição”
Rente Neto e Furtado (2015, p.159)

Os mesmos reafirmam o conceito de ribeiridade, que para os autores “é expressão de um modo de viver dos grupos sociais localizados à margem de mananciais aquáticos, de onde emanam os elementos materiais, imateriais e simbólicos que configuram o modo de vida desses grupos”, este conceito, será relevante para se entender as relações de comunidades haliêuticas, como as do Assentamento PAE São João Batista, com seu modo de vida.

Buscando-se ainda compreender o termo vernáculo, Gunter Weimer (2012, p.XL), explica que “provém do latim vernáculu e, originalmente, designava o escravo nascido na casa do senhor. Hoje tem o significado de língua ou costumes próprios de um país ou de uma região [...]”. Para o autor, quando usado em arquitetura é um termo pejorativo e Weimer considera mais apropriado substituir o termo arquitetura vernácula por arquitetura popular, pois para o autor

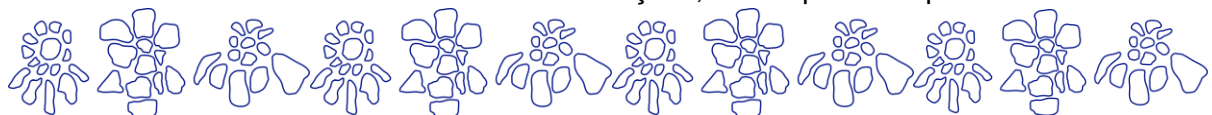
“Popular, que em sua origem latina, populus, designava o conjunto dos cidadãos que excluía, por um lado, os mais privilegiados, os patrícios a quem estava reservada a representação no senado, e, por outro lado, os menos afortunados, a plebe, dos despossuídos. Portanto, em seu sentido mais direto, significa aquilo que é próprio das camadas intermediárias da população”. (WEIMER. 2012, p.XL).

Baseando-se ainda no conceito de Luciana Paixão(2022), explica-se palafita como sendo

“um conjunto de pilares erguidos em áreas pantanosas, para evitar que as casas sejam inundadas pela corrente do rio, sendo construções leves normalmente executadas com madeiras, desenvolvidas a fim de vencer a variações dos índices pluviométricos dos rios”.

Tais edificações permitem a habitação em regiões insulares, mais utilizadas por comunidades ribeirinhas pois admitem o acesso rápido ao rio, que no caso da região amazônica, é via para propiciar os transportes fluviais e conseqüentemente a ligações entre localidades, além de ser uma das suas maiores fontes de subsistência, a pesca.

A valorização das condições locais é essencial na arquitetura vernácula popular, e as palafitas refletem isso ao serem construídas levando em consideração os aspectos climáticos, topográficos e recursos naturais disponíveis na região onde estão situadas, aspectos estes tão variados ao se falar de comunidades amazônicas. A adaptação ao ambiente é fundamental para a durabilidade e funcionalidade dessas construções; esse tipo de arquitetura está diretamente



ligado às condições locais, pois é adaptado para lidar com questões como inundações, variações climáticas e disponibilidade de materiais de construção.

Tais conceitos e observações, reafirmam que construções do tipo palafita são exímios exemplares de arquitetura vernácula popular, pois ao mesmo tempo que se retoma o conceito de “popular”, descrito por Weimer, compreendendo que essas construções se manifestam muito mais recorrentes nas populações que habitam as regiões lacustres, por famílias simples e de baixa condição social, podemos buscar ainda o conceito de Jéssica Coelho (2021), a qual descreve que “Arquitetura Vernacular possui como característica fundamental, a valorização das condições locais onde está situada, condições essas que abrange aspectos climáticos, topográficos e recursos naturais”, os quais foram encontradas na pesquisa e que constatou-se nas descrições conceituais de tais edificações.

Desse modo observa-se que as ambiências encontradas na comunidade objeto desta pesquisa enquadra-se nesses conceitos vistos anteriormente, os quais são capazes de dar um embasamento, um suporte, um referencial teórico que garanta a seriedade científica empreendida no artigo a partir da pesquisa desenvolvida no lugar. Ambiência por sua vez é o conjunto dos sistemas ambientais existentes em um lugar somados aos aspectos subjetivos, morais, afetivos e espirituais aí existentes. Ambiências podem também ser entendidas como “propriedades ambientais externas ou internas ao indivíduo, ora a partir da experiência sensível do corpo, ora através da imersão do pesquisador em movimento, sensibilidade e expressão analítica” (DUARTE et al, 2023, p. 109).

TIPOLOGIA E MATERIAIS DAS PRIMEIRAS PALAFITAS NO ASSENTAMENTO SÃO JOÃO BATISTA E EVOLUÇÃO ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

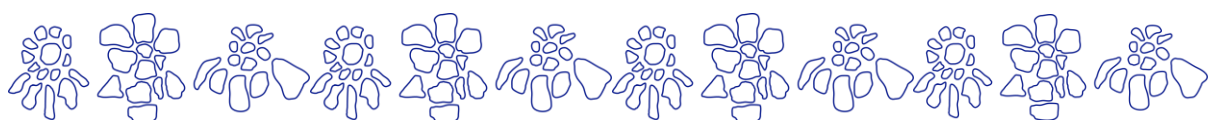
Essas palafitas, quase que comprovadamente, assim como as hodiernas, foram feitas com os materiais disponíveis na região e sofreram mudanças de acordo com a necessidade de seus moradores e da própria disponibilidade desses materiais, assim como pela alteração do meio ambiente, pela erosão do solo, aumento no nível das marés, dentre outros fatores que serão apresentados.



Conversando com os mais antigos moradores, entende-se que a tipologia das primeiras palafitas se dava de forma pouco compartimentalizada por fins de funcionalidade. O que era mais comum à época, era que várias famílias moravam em uma mesma casa, essas, normalmente tinham um trabalho em comum, que normalmente era o artesanato, na produção do matapi, de rasas e peneiras, entre outros. Logo, necessitava-se de um local amplo para que todos pudessem desenvolver as atividades de produção artesanal no mesmo espaço, então, essas casas eram divididas basicamente em dois cômodos: a sala, normalmente maior, variando de 6 ou até mais de 8 metros de comprimento, onde as famílias trabalhavam, dormiam e até mesmo faziam suas refeições, e a cozinha, menor, sempre com a presença de girais, que eram como pias feitas de madeira e havia o fogão de barro a lenha.

A cozinha, assim como o banheiro, poderia ser como uma espécie de anexo da estrutura principal da casa, sendo construída nos fundos, com a distância de mais ou menos 10 metros da casa e ligado por estivas, espécies de pontes estreitas, planas e lineares, feitas de madeira arbóreas ou por caule de açazeiros.

Quanto aos materiais, para fundação e estrutura eram utilizados açazeiros ou corpos de árvores mais resistentes que pudessem dar sustentação ao restante da casa; o assoalho era de paxiúba, uma espécie de palmeira parecida com o açazeiro; as paredes não eram fixas, os ribeirinhos teciam as chamadas velas, que eram confeccionadas de pequenas tiras do miriti, tecidas com umas espécie de cipó, chamado de “cipó titica”, essas velas eram afixadas às estruturas laterais superiores das casas e poderiam ser enroladas ou esticadas quando necessário, podendo aproveitar da iluminação e ventilação natural; a cumieira da casa era feita de madeiras leves e variadas, e o telhado de palha . A figura 01, apresenta uma imagem que dá uma noção de como eram as palafitas originais praticadas na comunidade.



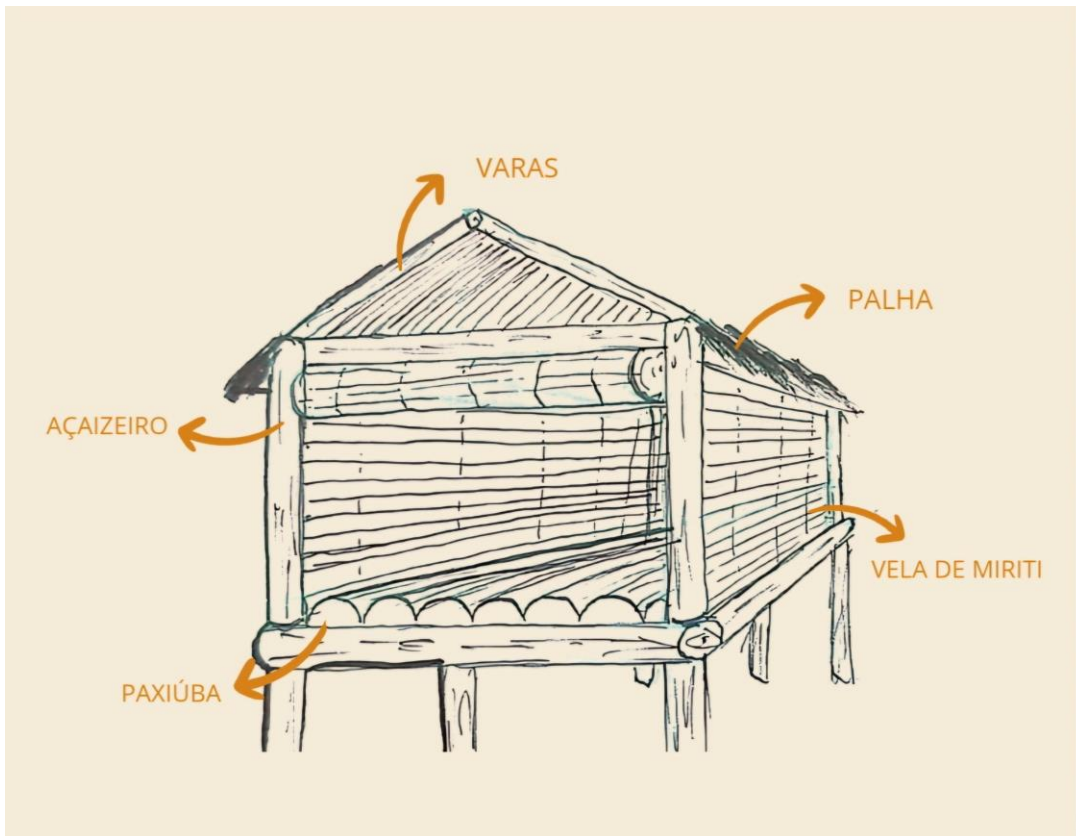
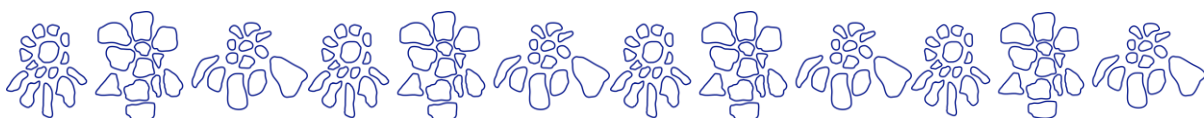


Figura 01: ilustração que representa o como eram as palafitas originais da comunidade. Fonte: Nicolas Galúcio Silva

A primeira mudança relatada na construção das palafitas, foi a troca das velas de miriti por madeira de quaruba , e das estruturas por acapú , segundo os moradores, objetivou fortalecer a estrutura das casas, antes muito instáveis, principalmente quando estava em períodos de enchente, e a fundação e estrutura da casa sofriam com a correnteza e corrente das marés. Nesse processo, as velas de miriti passaram as ser utilizadas como portas e janelas, seguindo o mesmo princípio de quando serviam como paredes, como podem ser observadas na figura 02.



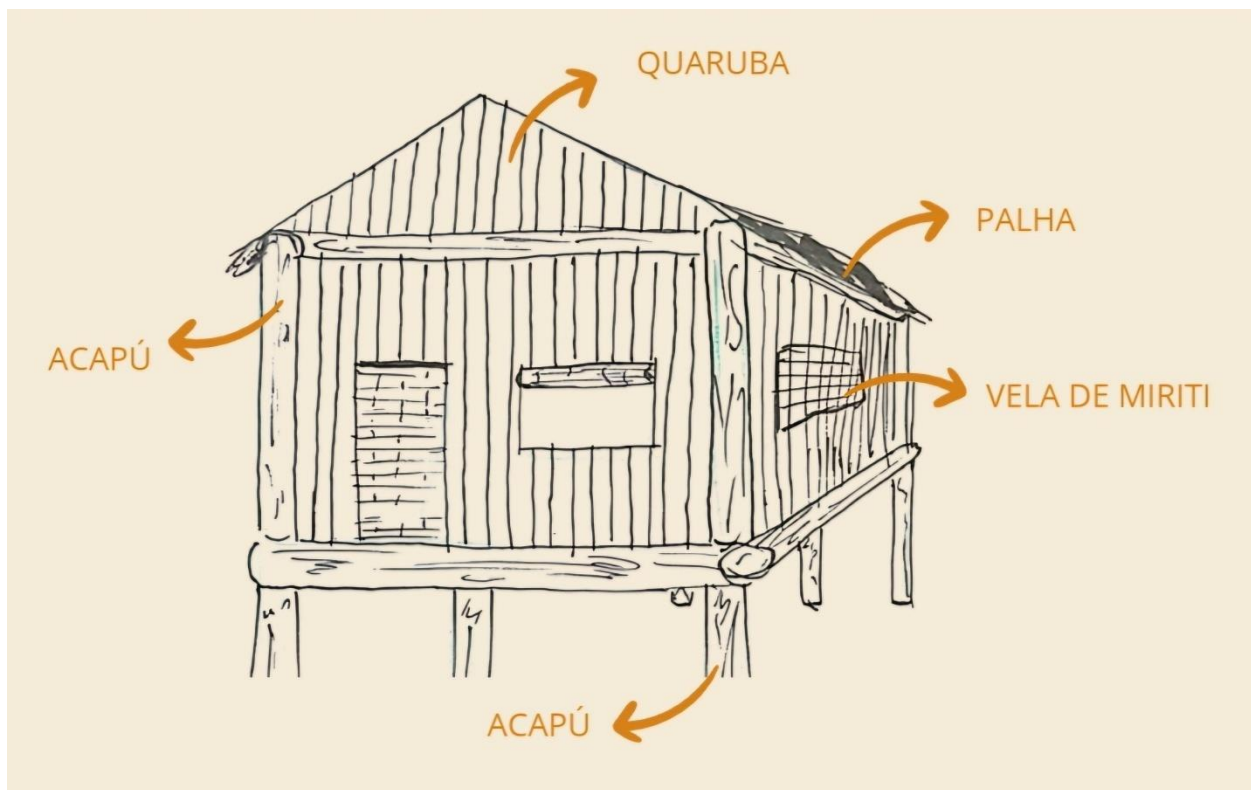
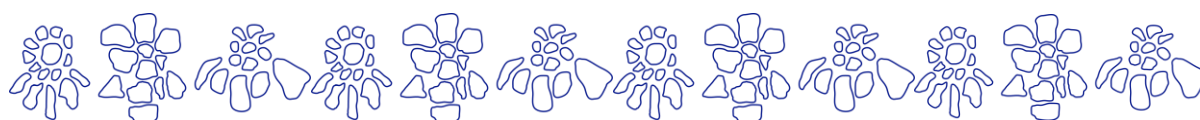


Figura 02: ilustração que representa o como se transformaram as palafitas. Fonte: Nicolas Galúcio Silva

Algo interessante de se destacar é que para a construção dos primeiros “modelos” de casas palafíticas, eram utilizadas técnicas de amarras e encaixes herdadas de povos Indígenas que antes habitavam a região, registrando uma troca de conhecimentos e técnicas que estavam presentes no território do Assentamento há séculos, algumas tendo virado obsoletas com o passar dos anos, mas outras sendo utilizadas até hoje.

Muito se sabe também, que o processo desregulado de urbanização causou diversos impactos nas próprias cidades, impossibilitando a aplicação da “cidade ideal” debatida desde o Renascimento,

“que pode ser entendido como resultado de uma conjunção de fatores e valores que caracterizam aquele período[...] em comum todos a colocam como um horizonte a ser alcançado, como um norteador, para o desejo do homem de viver em uma cidade organicamente organizada e em congruência com suas necessidades e aspirações” (Loraine Pinheiro Mendes, 2015, p.15)



Na perspectiva de um projeto urbanístico muito bem pensado a partir, também, das ações dos agentes exógenos regionais, a fim de não haverem inundações, por exemplo, o que evitaria transtornos aos seus moradores.

Mas outro debate, por vezes invisibilizado, é o quanto o crescimento das cidades impacta comunidades tradicionais nas suas proximidades, trazendo influências que afetem diretamente as tipologias e modos de morar em palafitas. Em entrevistas e conversas informais com moradores da Comunidade São João Batista, foi possível perceber claramente a diferença em diversos aspectos relacionados à moradia de palafitas, considerando quando se tinha pouco contato com a cidade e comparando com o tempo atual. O primeiro aspecto abordado foi quanto à violência, o que se relata é que antigamente os moradores não tinham essa preocupação, isso pode ser observado até mesmo no modelo das primeiras casas descritas anteriormente, onde não haviam folhas de esquadrias em portas e janelas, pois contavam com estruturas muito simples a cobrir os vãos.

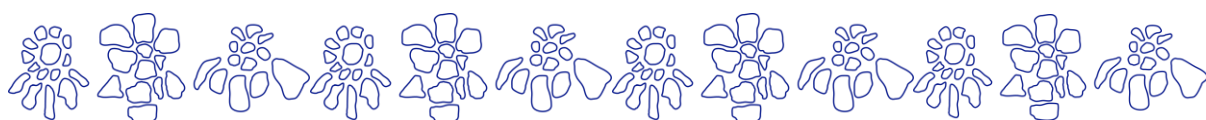
Essa realidade começa a mudar a partir do momento em que a cidade começa a se expandir e chegar mais próxima das vilas ribeirinhas, haja vista que coincide com a grande migração de pessoas da estrada para a cidade, havendo maior demanda por alimentação, e as comunidades ribeirinhas começaram a comercializar, com eles, vários produtos como peixes, mariscos e frutos, o que permitiu um giro de capital na região ribeirinha, e conseqüentemente o aumento na renda das famílias, que claro, contribuiu para que essas conseguissem adquirir geradores de energia, eletrodomésticos e produtos de valor material, os quais trazem melhoria na qualidade de vida e relativo conforto doméstico.

O que se relatou, é que ao mesmo tempo em que esse processo trouxe melhorias no cotidiano da vida das pessoas locais, também trouxe consigo pontos negativos que impactaram diretamente no modo de vida dos ribeirinhos, levando a uma realidade onde a segurança passou a ser uma preocupação, antes inimaginável. Essa realidade refletiu diretamente também, na forma construtiva das palafitas, necessitando-se, reforçar a estrutura de um modo geral, assim como a utilização de paredes reforçadas e janelas com esquadrias fixas e fortes o suficiente para impedir arrombamentos ou pelo menos dificultá-los.



Com o tempo, a partir também do desenvolvimento de técnicas construtivas mais estáveis e reforçadas, referentes principalmente a fundação das palafitas, começaram-se a construir casas em alvenaria, primeiramente só com o piso de concreto armado ou seja lajes sobre estacas e esteios de madeira, pavimentadas com lajota, depois, passara a usar paredes de alvenaria de tijolos cerâmicos, isso pouco a pouco e hoje em dia palafitas inteiras em concreto, alvenaria e cerâmica, desde a fundação até a laje e o telhado se veem na comunidade.

Outro ponto também influenciado pelo contato dos ribeirinhos com o centro urbano, foi a modificação da tipologia e estética das casas. Uma vez que as pessoas começaram a ter contato com novos layouts de casa, muito mais compartimentalizadas, baseados em padrões de apartamentos, antes só vistos na capital, Belém; começaram a trazer esses modelos para as novas casas de palafitas, o que trouxe uma mudança no aspecto visual tradicional conhecido. Hoje, mesmo com muitas famílias mantendo o modelo mais conhecido de palafitas, em madeira, com cômodos amplos, girais, banheiro externo à casa, pinturas coloridas em tons pastéis e varandas com detalhes trabalhados, como uso de lambrequins e outros enfeites elaborados em marcenarias, algo que muito se encontra são casas muito compartimentalizadas, com cômodos menores, cozinhas com balcão em pedras, tipo granito, substituindo os girais; revestimentos em lajotas substituindo as pinturas coloridas nas paredes externas; varandas sem detalhes; forro que esconde o telhado; e uma das maiores mudanças: platibandas encobrendo os beirais, os quais eram um simbolismo marcante na arquitetura vernácula ribeirinha, por permitirem a visualização dos telhados.





**Figura 02: Anexo de uma palafita chamada maloca que mostra os detalhes feitos com a madeira a fim estético .
Fonte: Matheus Silva 2023**

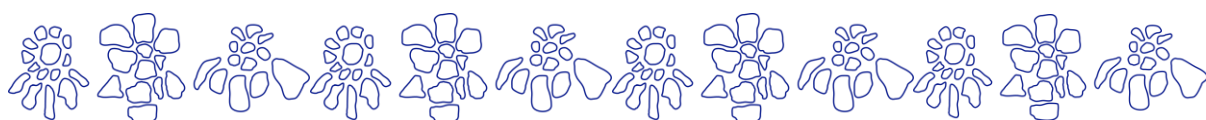
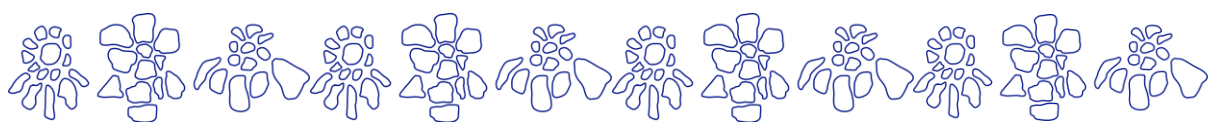




Figura 04: Imagem de palafita de alvenaria com varanda revestida com cerâmica. Fonte: Nilcilene Nogueira 2023



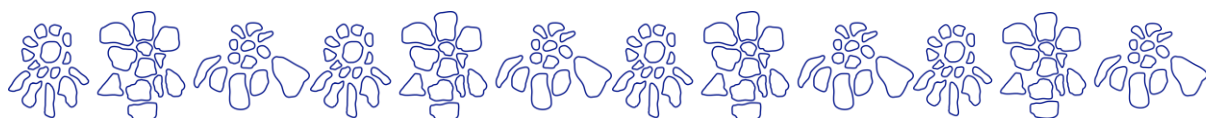
Logo, o que se compreende é que com o passar do tempo, assim como em qualquer lugar ou qualquer sociedade, houve influências culturais externas que se mostram promissoras, ou/e que naturalmente trazem praticidade, conforto e até mesmo que refletem um padrão de beleza mais valorizado, que vão sendo absorvidos e utilizados ou de outro modo passam a ser adotados como novos padrões. A mídia e as multimídias contemporâneas trazem apelos que acabem influenciando as pessoas, sendo que as novas gerações são as mais expostas e portanto responsáveis por conservar ou modificar costumes e culturas.

ASSENTAMENTO SÃO JOÃO BATISTA: CONTEXTO HISTÓRICO E RELAÇÃO IMATERIAL ENTRE MORADORES E SUAS MORADAS

A partir das diversas abordagens empregadas na pesquisa, emergiram conversas e entrevistas com perguntas abertas, frases provocativas e diálogos livres ou espontâneos, na ilha Campompema, local do Assentamento onde foram realizadas.

Das narrativas populares, transmitidas de geração a geração, destacam-se alguns relatos como o de que entre os anos de 1620 e 1700, os padres capuchinhos chegaram à região onde se localiza hoje a vila de Beja e a cidade de Abaetetuba, iniciando a exploração das regiões das ilhas, contam-se ainda que estes religiosos identificaram a presença de povos originários que já habitavam as regiões mais altas e desciam às margens para pescar.

Adicionalmente, outras fontes indicam que grupos formados por portugueses e escravos negros chegaram à região nas caravelas, estabelecendo-se para aproveitar a fertilidade das terras firmes presentes no fundo das áreas de várzeas, ao mesmo tempo que utilizavam dos recursos alimentícios das águas, animais e frutos presentes na fauna e flora local. Nesse contexto, possivelmente empregando técnicas anteriormente conhecidas, essas pessoas iniciaram a construção das primeiras palafitas nas terras que hoje é o município de Abaetetuba, assim como nas suas proximidades como as margens do rio Campompema. (narrativa resultante da junção de diversas entrevistas, pesquisas e conversas abertas realizadas durante o período da pesquisa)



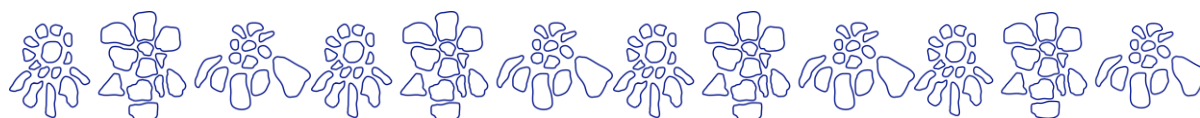
Observando-se a continuidade da história, sabe-se que dos muitos processos pelos quais a comunidade de São João Batista passou, a comunidade experimentou uma mudança substancial em sua dinâmica socioeconômica com a execução do projeto de Assentamento e a titulação das terras pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que ocorreu no ano de 2004. Anteriormente, a comunidade dependia primariamente da produção de cana-de-açúcar em terras cedidas pelos proprietários dos engenhos. No entanto, essa forma de subsistência resultava em rendimentos reduzidos, dado que a produção era comercializada aos próprios proprietários a preços desvalorizados, e as famílias habitavam casas compartilhadas, construídas com paxiúba e cobertas com palha.

Nesse período, por volta de 2004, 296 famílias residiam na ilha Campompema. Em meados deste mesmo ano, foi formalizada a implementação da ilha Campompema como Projeto de Assentamento Extrativista (PAE) São João Batista, e juntamente com a titulação das terras, a comunidade também recebeu o projeto de habilitação pelo INCRA, que fazia parte do projeto PA0275000, do Ministério de Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar – MDA (Informações retiradas de entrevista com Raimundo Nonato Silva, 65 anos, presidente do Assentamento em 2004, realizada em 22/10/2023)

Em 2005, das 296 famílias residentes no então PAE, inicialmente 165 famílias foram contempladas com a construção de moradias, seis meses depois, as 161 famílias restantes também foram contempladas (Informações retiradas da relação de Registro de Beneficiário- RB do Assentamento PAE São João Batista do ano de 2004)

As casas construídas pelo projeto de habilitação eram em palafitas, feitas de madeira; cada unidade possuía 42m² e sua tipologia foi selecionada pela comunidade, podendo seguir um dos dois modelos, o primeiro que consistia em dois compartimentos, sala e cozinha, ambos medindo 5m x 4m e o segundo com 3 compartimentos, sendo a sala medindo 5m x 4m, a cozinha com 5m x 2,5m quarto + corredor medindo 5m x 1,5m

Essa transição teve um impacto significativo na qualidade de vida das famílias, as quais passaram a viver em condições habitacionais substancialmente melhores, da mesma forma, as quais viviam em casas compartilhadas, tiveram a oportunidade de conquistar a individualidade do lar



A partir de tantos aspectos abordados anteriormente, comprovados na pesquisa à comunidade, o que não se podem negar são as relações presentes entre os ribeirinhos e as palafitas, relação esta que ultrapassa as perspectivas da casa apenas como uma “máquina de morar” como descrita pelo Arquiteto e Urbanista Le Corbusier (1981, p. XXV), essa relação imaterial pode ser denominada com o conceito de “topofilia” que “é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” Tuan (2012, p. 19)

Em entrevistas, pesquisa qualitativa, com moradores de diversas faixa etárias da comunidade São João Batista, obtivemos respostas que comprovam esses laços afetivos e culturais. Um questionário, simplificado, foi aplicado de formas online e presencial, com as seguintes perguntas: Você gosta de morar em palafita? Se sim, quais os motivos lhe fazem gostar de morar em palafita? E o que você acha mais interessante ou intrigante nesse modo de construção?

Foram obtidas 58 respostas, sendo 42 por meio online e 16 das entrevistas presenciais com formulários impressos, deste total foram alcançadas 13 crianças de 9 a 14 anos anos, 12 jovens de 15 a 22 anos, 22 adultos de 23 a 55 anos e 11 idosos.

As respostas da pergunta um foram unânimes, todos os entrevistados disseram que gostam de morar em palafita, e a partir disso, relataram os motivos que lhes fazem gostar, e as repostas serão apresentadas pelo que mais se repetiu por faixa etária.

Para as crianças por exemplo: “O motivo que me faz gostar de morar em palafitas é que, podemos nos conectar com a natureza e com os animais em nossa própria casa”, essa resposta da estudante Maria Gabriela Azevedo (13 anos) traduz várias outras respostas;

Para os jovens, uma resposta marcante foi: “A ligação que tenho pode ser mais cultural e emocional do que estrutural, ainda que a sua estrutura me traga benefícios, vejo também como algo vivido desde meus antepassados até hoje. Em meio a modernidade, as palafitas me passam um sentimento de pertença à minha história e família, e recupera, em mim, uma sensação de aconchego inexplicável”; Essa resposta foi dita pela universitária Renata Ribeiro (19 anos), a qual nos repassa a presença da topofilia também nas novas gerações, na perspectiva de que o sentimento de pertença repassado pela moradia tradicional em palafita, não está presente



somente nos anciãos da comunidade, mas remonta uma história que continua a se construir gerações à geração.

Outra resposta típica foi do estudante Ricardo Ribeiro (17 anos), para ele: “Gosto porque tem muitas vantagens de morar, por conta de morar perto dos rios e de vegetação é muito menos calor do que morar na cidade onde tem poucas árvores e tem muitas casas feitas de cimento, onde é muito quente, além de vantagens de lazer como tomar banho no rio, principalmente quando tá muito quente, além de ser divertido ainda deixa um clima mais agradável”

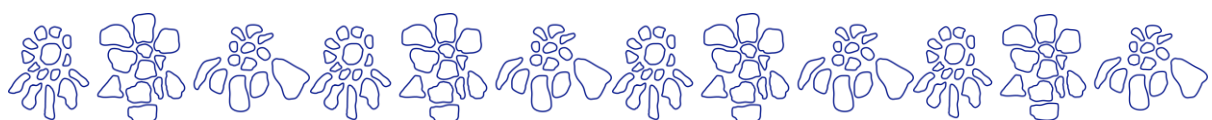
Para os adultos, obteve-se resposta como: “Porque é mais confortável, menos quente”; Por ser construída às margens dos rios, lugar onde podemos admirar a natureza e ao mesmo tempo nos proteger de alagamentos” (Nilcilene Nogueira, 37 anos, professora da escola municipal rural São João Batista); “Onde moro resume minha essência e tudo o que sou”; é simples, mas há conforto. O vento chega mais próximo de nós, pelas gretas das paredes. Eu gosto e me sinto bem” (Juliana da Costa Silva, 22 anos)

Par os idosos: “Pelo costume, é menos quente e quando precisamos construir a casa mais para trás por causa da queda da terra, conseguimos aproveitar a maioria dos materiais, eu lembro de quando era criança, lembro dos meus pais e muita coisa que passamos na nossa casinha de paxiúba e coberta com palha”

O resultado das pesquisas com as crianças e jovens, refletem uma realidade esperançosa quanto a perpetuação da cultura tradicional na comunidade, graças ao trabalho de valorização aplicado na escola municipal e na catequese da comunidade, que visam justamente introduzir a cultura desde os primeiros contatos com a educação e catecismo.

Dentre adultos, as respostas variam entre funcionalidade, estrutura, conforto térmico e afetividade.

Dentre os mais idosos as respostas foram as previstas, um apego muito grande com as casas totalmente em madeira, pois trazem a eles memórias de infância relacionadas à vivência que mesmo sendo construída com materiais naturais, como paxiúba e palha, não deixam de estar



relacionados ao aconchego, inferir que tais recordações evocam sentimentos de nostalgia e conexão com o meio ambiente para eles.

Nesse sentido, o que se percebe, é que mesmo diante de tantas adaptações desenvolvidas e aplicadas no decorrer dos anos, afim de melhorar a moradia nas palafitas, como a troca da paxiúba por madeira plainada e polida no assoalho, da palha por telha de barro e telha de fibrocimento, da utilização de materiais que visam aumentar o tempo útil de durabilidade da madeira, do uso de concreto e alvenaria em ascensão, dentre outros, ainda se percebe que as ambiência presentes no Assentamento desde os moradores mais antigos, ainda permeiam as vivências cotidianas da comunidade, a partir da percepção de que ainda há uma grande afinidade com o modo tradicional de morar em palafitas, da relação com o rio e com a floresta que os cerca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa constatou-se que a grande maioria da população tem uma relação afetiva com suas moradias do tipo palafita, e que a topofilia e a ribeiridade estão presentes na vida da população local. A forma como as crianças e jovens expressam essa ligação é particularmente inspiradora, mostrando que a cultura tradicional está sendo valorizada e transmitida para as gerações futuras. Além disso, a adaptação das palafitas ao longo do tempo, de acordo com as necessidades dos moradores e a disponibilidade de materiais, revela a resiliência e a criatividade dessas comunidades.

Ao entender a tipologia das primeiras palafitas e como eram utilizadas pelas famílias ribeirinhas, podemos vislumbrar um pouco mais da história e das tradições do Assentamento PAE São João Batista. A forma como essas casas eram compartilhadas por várias famílias, o uso multifuncional dos espaços e a importância do trabalho artesanal nos remetem a um modo de vida rico em significados.

Em suma, essa pesquisa nos permitiu mergulhar nas profundezas da cultura ribeirinha, em especial nas águas que margeiam as palafitas do rio Campompema, compreendendo, não apenas suas características físicas, mas também as emoções, memórias e tradições que estão intrinsecamente ligadas a essas moradias, que são reflexo da cultura e resistência desses povos.



REFERÊNCIAS

COELHO, Jessica. Arquitetura Vernacular: Quais as suas características?. Projetou Blog. 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www.projetou.com.br/posts/arquitetura-vernacular/>. Acesso em: 20 fevereiro 2024.

DUARTE, Cristiane Rose; MIRANDA, Cybelle; PINHEIRO, Ethel; SILVA, Luiz de Jesus. Experiência do Lugar Arquitetônico. Dimensões subjetivas e sensoriais das Ambiências. Rio de Janeiro: Rio Books, 2023

LE CORBUSIER. Por uma arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1981

MAGNANI, J.G.C. Revista brasileira de ciências sociais. N.17. Jun. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26361600_De_perto_e_de_dentro_Notas_para_uma_etnografia_urbana. Acesso em: 23 fevereiro 2024.

MENDES, Loraine Pinheiro. A Cidade Ideal de Francesco Di Giorgio Martini. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. PP. 12-116, 2015.

NETO, Francisco Rende, FURTADO, Loures Gonçalves. A Ribeiridade Amazônica: algumas reflexões. Revistas USP, São Paulo, 2015.

PAIXÃO, Luciana. Palafita – um conceito diferente de moradia. A arquitetura. 29 ago. 2022. Disponível em: <https://www.aarquiteta.com.br/blog/palafita/>. Acesso em: 21.02.2024.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

WEIMER, Gunter. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

